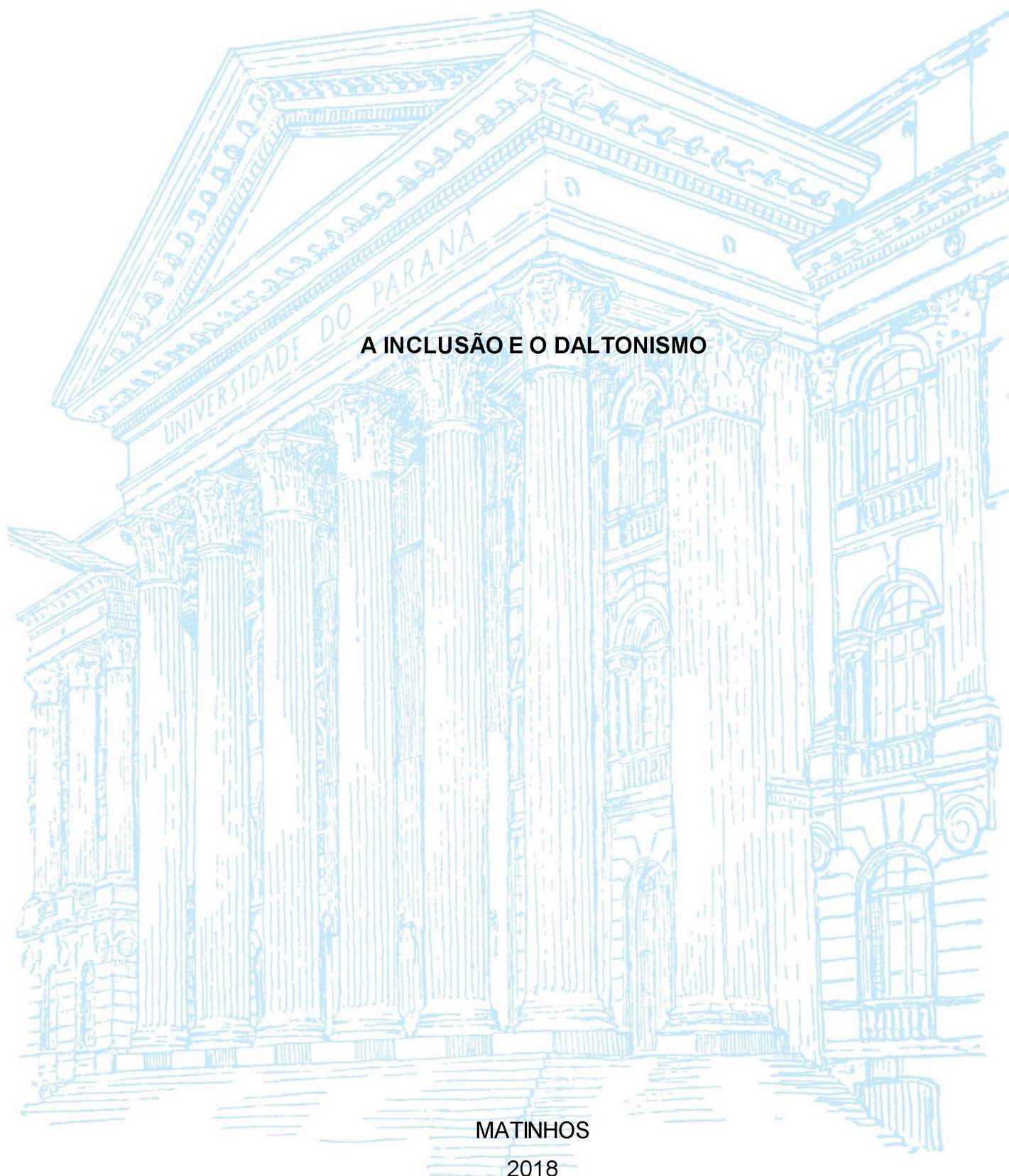


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SUZANE SALETE GRUCHOUSKEI

A INCLUSÃO E O DALTONISMO



MATINHOS

2018

SUZANE SALETE GRUCHOUSKEI

A INCLUSÃO E O DALTONISMO

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, do Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Valentim da Silva

MATINHOS

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

SUZANE SALETE GRUCHOUSKEI

A INCLUSÃO E O DALTONISMO

Memorial acadêmico apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Alternativas para uma Nova Educação.

Prof. Dr. Valentim, da Silva
Professor Orientador- UFPR

Profa. Dra. Lenir Maristela, da Silva
Professora Integrante- UFPR

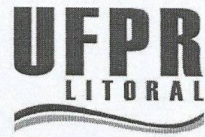
Profa. Dra Francéli Brizolla
Professora Integrante-UFPR

Matinhos, 30 de junho 2018.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA
NOVA EDUCAÇÃO



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Professor **Dr. Valentim da Silva**, realizaram em 29 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Suzane Gruchouskei**, sob o título "A INCLUSÃO E O DALTONISMO", sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo sido "APROVADA".

Matinhos, 30 de junho de 2018.

Dr. Valentim da Silva
Professor Orientador

Dra. Lenir Maristela Silva
Professora Integrante

Dra. Francéli Brizolla
Professora Integrante

Suzane Gruchouskei
Estudante

Conceitos de aprovação

APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação

APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

AGRADECIMENTOS

Agradeço a paciência de minha família em especial do meu marido César, por ter me escutado e apoiado ao longo dessa caminhada. Ao meu filho mais novo Thiago, que não foi o alvo dessa pesquisa e soube controlar seus ciúmes. E ao meu filho mais velho, Matheus, fonte de inspiração para essa minha caminhada que está somente no começo e que sem sua ajuda eu não conseguiria entender.

RESUMO

Nesse trabalho venho relatar as experiências de uma educadora e mãe de daltônico, que busca através de ações e afetos a ampla conscientização dos processos que envolvem essa deficiência, bem como a necessidade de construir conhecimentos que auxiliem na compreensão, por parte dos profissionais da educação em especial das séries iniciais, para assim tentar minimizar os desafios e potencializar a vida acadêmica do daltônico. Neste sentido, se faz necessário ressaltar a importância dos processos de inclusão, a política inclusiva em si no diálogo com os profissionais de educação. O entendimento é que a formação de professores é uma das grandes alavancas transformadoras para que a educação emancipatória aconteça na sua plenitude.

Palavras-chave: Inclusão; Daltonismo; Formação de professores; Educação inclusiva.

ABSTRACT

In this paper I report on the experiences of an educator and colorblind mother, who seeks through actions and affections the wide awareness of the processes that involve this deficiency, as well as the need to build knowledge that helps in the understanding, by the professionals of education in especially of the initial series, in order to try to minimize the challenges and potentiate the academic life of the colorblind. In this sense, it is necessary to emphasize the importance of inclusion processes, the inclusive policy itself in the dialogue with education professionals. The understanding is that teacher training is one of the great transforming levers for emancipatory education to occur in its fullness.

Keywords: Inclusion; Color blindness; Teacher training; Inclusive education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – A Silvana e Lucas Dalcim B) Suzane e Matheus	Erro! Indicador não definido.0
FIGURA 2 -- Logo da ANE	Erro! Indicador não definido.1
FIGURA 3 -- Suzane e Silvana encontro da ANE	Erro! Indicador não definido.1
FIGURA 4 -- Escola Municipal Moises Lupion.....	12
FIGURA 05-- Escola Municipal Grasiela Almada Dias.....	12
FIGURA 06—Escola Municipal Ilha do Saber	13
FIGURA 07-- Escola Municipal Grasiela Almada Dias.....	14
FIGURA 08—Colégio Estadual Sertãozinho.....	15
FIGURA 09— Colégio Estadual Sertãozinho.....	16
FIGURA 10—As Fadelhas	17

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 MEMORIAL DE VIDA.....	2
3 RELATO.....	4
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
5 REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

“Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes.”

Paulo Freire (1987)

No presente memorial venho descrever as minhas vivências ocorridas no transcorrer do curso de Especialização em Alternativas para uma nova Educação - ANE. Vivências estas que buscam trazer luz à necessidade de termos a inclusão como palavra base em nossas escolas, pois sem a compreensão de que as diferenças existem não poderemos fazer uma escola igualitária. E fazendo parte da ANE, um coletivo que desenvolvem ações via projetos, cinquenta projetos, cada sujeito de ação com suas vivências, experiências, histórias de vida, identidade profissional, nos possibilitou a ressignificação de saberes, saberes para a emancipação.

Esses encaminhamentos propiciaram o acesso a maneiras diferenciadas de aprender e, especialmente, de aprender a aprender, partindo de vivências e problematizações vinculadas a temas de eixos temáticos relacionadas aos projetos propostos pelos coletivos de ação, inseridos em seus contextos. Estes encaminhamentos que demandaram estudos e organizações didático-político-pedagógicas por parte dos envolvidos nos fortaleceram na premissa Freireana “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39), ou seja, aprendemos uns com os outros.

E, com esta intencionalidade, é colocado a abordagem do daltonismo e a importância do seu diagnóstico mais precocemente possível, para que os processos educacionais sejam de aprendizagem coletiva, uns com os outro. O daltônico tem nas cores o seu maior recurso para a alfabetização, seu mundo quase sempre é traduzido por cores diferentes devido a sua percepção, podendo não ser compreendido por alguns agentes dos processos educacionais. Sendo mãe, de um jovem daltônico, passei por situações dolorosas, por falta de conhecimento, as quais não gostaria que nenhuma mãe ou filho passasse por não haver divulgação de conhecimento. No transcorrer do curso houve uma percepção, e mais, a compreensão de que devemos se envolver em processos colaborativos, para que haja realmente uma educação emancipatória precisamos nos colocar continuamente nesses processos, precisamos trazer a comunidade para o centro da situação, pois a

educação só vai acontecer se ela realmente se efetivar como alavanca de transformação, enquanto alavanca transformadora .

Com esse olhar encaminhei minhas vivências, abordando a necessidade de mais acolhida aos alunos com necessidades especiais, sejam elas quais forem, e para que realmente essas crianças sejam inseridas na comunidade escolar e os profissionais que com elas convivem, possam ter a possibilidade de se ressignificarem e construir conhecimentos que auxiliem na superação das deficiências. Somente quando toda a comunidade escolar , possibilitar processos de construção de conhecimento sobre as necessidades especiais, suas características, limitações e aspectos específicos, poderemos fazer a escola inclusiva. Precisamos romper com a realidade, pois hoje ainda se encontra em salas de aulas alunos em um canto com um acompanhante , que muitas vezes são agentes educacionais desprovidos do seu papel inclusivo e por esse motivo são totalmente excluídos dentro de classe. Isso não é inclusão, mas sim um isolamento, acredito que o conhecimento é o instrumento fundamental para começar a mudar essa situação.

Tomando o conhecimento sobre o daltonismo e a necessidade de uma acolhida a todas as crianças com necessidades especiais junto com a minha colega de curso Silvana Dalcin mãe de um rapaz autista, começamos as rodas de conversa realizadas em escolas da cidade de Guaratuba Escola Estadual Moises Lupion, Matinhos Colégio Estadual Sertãozinho e Paranaguá na Ilha dos Valadares Grasiela Almada Dias.

2 MEMÓRIA DE VIDA

Sou egressa da Universidade Federal do Paraná setor Litoral, do Curso Licenciatura em Artes formada em 2016, mas antes de tudo sou mãe de um jovem daltônico, o qual teve seu diagnóstico provocado pela observação da professora de artes do sexto ano do fundamental. Nessa época estava em dúvida de qual curso eu faria, e devido ao PPP diferenciado, não tive mais fiz vestibular para de Licenciatura em Artes na UFPR Litoral.

A UFPR Litoral se consolida como alternativa para o ensino superior constituído nos processos formativos por três espaços pedagógicos, os quais contemplam um currículo inovador do Projeto Político Pedagógico (UFPR, 2008), que são:

I) Projetos de Aprendizagem (PA) – 20% da proposta curricular - espaço individual de cada estudante, o qual desenvolve um projeto de acordo com seus interesses, mediado por um professor, que estimula a formação cidadã.

II) Fundamentos Teóricos Práticos (FTP) – 60% da proposta curricular - espaços coletivos que integram estudantes de um único curso, em consonância com as diferentes etapas da proposta curricular de cada curso, que via metodologia de Aprendizagem por Projetos, buscam nos processos, com a realidade local, a Formação Profissional;

III) Interações Culturais e Humanísticas (ICHs) – 20% da proposta curricular - espaços coletivos que integram estudantes de diferentes cursos e anos, buscando possibilitar na articulação dos diversos saberes que constituem os diversos sujeitos, através de um olhar ampliado para a problemática cultural e humanística contemporânea; o foco principal é a Formação Humana;

Esses espaços pedagógicos possibilitam movimentos que vão ao encontro da superação de alguns desafios existentes nos espaços tradicionais educacionais. E, ao buscarem estimular mudanças nos mecanismos culturais da escola, visando à busca pela aprendizagem em diálogo constante com a cultura local e os seus sujeitos, pela compreensão ampliada e pelo que faz sentido nas experiências vivenciadas, pude desde o primeiro semestre do curso trabalhar no meu Projeto de Aprendizagem sobre o daltonismo e o diagnóstico precoce.

Outros espaços são oportunizados na UFPR Litoral, como a participação em Programas e projetos de pesquisa e extensão. Neste viés, participei do Projeto de Extensão Universitária Minha Escola Lê - MEL, o qual auxiliou consolidar à minha formação. O Projeto MEL foi desenvolvido na Escola Municipal Ilha do Saber, na modalidade Especial, em Pontal do Paraná-PR. Por três anos foram práticas leituras de livros para crianças e adultos com necessidades especiais de diversos níveis e complexidades e nesse projeto foi criado as Fadas Abelhas - Fadelhas e a desenvolvendo uma metodologia de contação de história. Foi criada uma roupa para essas práticas, constituída de um avental colorido por diversos tecidos, remetendo aos cenários das histórias e o quão grande era nosso coração ao traduzir nossos sentimentos de estar presente nesse projeto. Com a oportunidade de fazer parte da MEL minha inclinação à educação especial só aumentou, e com ela a observação da acolhida de crianças com necessidades especiais nas escolas.

A inclusão muito é dita, mas nem sempre alcançamos os objetivos que desejamos. Por exemplo, em meus Estágios supervisionados observei um tutor com um aluno no canto da sala. Lembro-me de naquele momento ter questionado qual é a denominação de inclusão? Era evidente que o seu isolamento, ele não havia interação com o grupo e muito menos o grupo com ele, essa situação me angustiava. Outro momento do Estágio supervisionado, em uma sala de quinto ano do fundamental, utilizando as Fadelhas para abordar o teatro. Nessa sala havia um aluno sempre isolado, apresentava psicopatia, em determinado momento, foi solicitado que as crianças trouxessem material reciclável para uma atividade que iria suceder, a contação de história. Para surpresa a sala quase virou um depósito de reciclados, todos os alunos contribuíram no processo, principalmente o aluno com psicopatia. O livro Bruxonilda foi utilizado para a contação de história. A narrativa relata que a bruxa, Bruxonilda vai a Veneza, com direito a ir montada em uma vassoura e tudo. Após a Contação da história foi trabalhado as palavras em destaque na história, e com a relação feita pelos alunos, foi sugerido que utilizassem os materiais para confeccionar os objetos da história, como a vassoura, a bruxa, ônibus e avião. Terminando a confecção eles montaram uma nova dramatização utilizando os objetos feitos por eles. Nessas atividades a tutora do aluno especial ficou bem afastada por sugestão, e a interação dele com a turma foi maravilhosa, ele ajudou os colegas e fez uma máquina fotografia linda. A meu ver isso é inclusão, ele estava envolto pela turma, ali sim todos faziam parte desse ambiente.

Ao término do meu curso percebi que havia muito a se fazer, mas qual caminho tomar? Pois a educação como eu vi em meus Estágios supervisionados, eu não queria e não concordava. Aí encontrei a ANE, um coletivo que desenvolvem ações via projetos, cinquenta projetos, e juntos com sonhos e projetos fomos buscar em processo colaborativos a tecer essa rede de um movimento Alternativo para uma Nova Educação.

3 RELATO

Daltonismo é uma deficiência muito pouco discutida, se trata de uma alteração na capacidade da retina de perceber as cores, quem tem essa deficiência pode não reconhecer uma determinada cor pela ausência de uma célula responsável pela sua identificação, ou a perceber distorcidamente.

“Estas células chamadas cones (funcionam na presença de luz), e bastonetes (funcionam no escuro), reconhecem e transmite ao cérebro a cor vista. As células de nossos olhos, chamadas cones, são responsáveis por perceberem uma cor, ou mais especificamente, elas são receptoras de uma determinada vibração, a qual será transmitida ao cérebro, que identificará a sua cor correspondente. O daltônico tem ausência de determinadas células, assim não podendo identificar sua cor e derivadas equivalentes. Segundo Bruni e Cruz (2006)”

Na sua maioria o daltonismo é genético, mas pode também ter causas traumática e medicamentosas, mesmo assim muitos daltônicos só descobrem a sua deficiência em idade mais avançada, em muitos casos quando vão realizar exames psicotécnicos

É uma disfunção visual ligada ao cromossomo X, por isso classifica-se como herança ligada ao sexo. Estima-se que 8% da população têm essa alteração e desse percentual apenas 1% é do sexo feminino e 7% são do sexo masculino. Reforço que, muitas vezes os daltônicos não sabem que sofrem da disfunção, o que poderia ampliar o percentual. (MAGALHÃES, 2010)

Mesmo com esse índice de 8% da população sendo daltônica não existe a preocupação com esse grupo, e na educação infantil um dos seus maiores recursos são as cores, aqui acontece o início da alfabetização, e sem a atenção para esse aluno com daltonismo, muitas vezes sua dificuldade relacionada a identificação das cores pode ser confundida com apatia.

Geralmente a criança aprende as cores entre os dois anos e meio e três anos. Nessa idade começa a distinguir as cores fortes como vermelho, verde e amarelo. Mas essa não é uma idade limitante, pois vai depender do desenvolvimento da criança. De acordo com Bezerra (2006), aos cinco anos de idade é que o indivíduo tem seu amadurecimento parietal e occipital completo, tendo plenas condições de diferenciação das cores. Caso isso não ocorra até esse período existe a possibilidade de a criança ser daltônica. “(Gruchouskei, 2016)

O meu projeto na ANE foi fazer a troca de experiências referente ao daltonismo e a acolhida as crianças com necessidades especiais junto aos professores do ensino fundamental I, educação infantil e na formação de docentes no ensino médio. Dando início com a visita em três escolas, falando com as pedagogas e diretoras das

mesmas, perguntei se na escola havia o conhecimento ou a desconfiança de que algum aluno seja daltônico, a resposta foi a mesma nos três locais, “Não temos o conhecimento de nenhum aluno daltônico”. Após uma breve conversa percebi que não existe a investigação, e muitas vezes nem o conhecimento um pouco mais apurado sobre daltonismo, assim a identificação da deficiência fica mascarada e pode ser confundida com outras variantes.

Para que haja a identificação do aluno daltônico é preciso fornecer o conhecimento ao professor, a intenção desse projeto foi trazer rodas de conversas com os professores nas semanas pedagógicas, para que tenham contato com a teoria, e com o auxílio de um programa de computador mostrar como esse aluno vê o mundo, trazer depoimentos de daltônicos que estão na internet para os professores perceberem como o seu aluno daltônico age, e assim tentar identifica esses alunos.

Nessa roda de conversa levei as experiências que tive com meu filho e tentar em coletivo montar uma estratégia de identificação. Toda essa experiência dividi com os alunos de formação de docentes, eles serão os profissionais que irão trabalhar com crianças de zero a cinco anos, fase que deveria ser detectado o daltonismo, para que a criança não tenha problemas com a alfabetização que muito utiliza as cores em seu processo.

A identificação do daltonismo pode auxiliar a minimizar alguns desafios relacionados ao processo de aprendizagem, esses processos podem potencializar os espaços de construção do conhecimento contemplar a educação de forma inclusiva, a qual pode ser abordado como:

“A educação inclusiva cobre variadas tentativas de atender à diversidade total das necessidades educacionais dos alunos nas escolas de um bairro. [...]. Um sistema educacional que fornece inclusão total baseia-se em alguns ou em todas as seguintes crenças e princípios: Todas as crianças conseguem aprender; [...] recebem programas educacionais adequados, [...] recebem um currículo relevante a suas necessidades, [...] participam de atividades co-curriculares e extracurriculares, [e] beneficiam-se da cooperação e da colaboração entre seus lares, sua escola e sua comunidade (Pacheco 2007, pg)

Para que realmente aconteça esse ambiente inclusivo precisamos nos preparar, trazer a comunidade para essa preparação, pois assim a inclusão poderá acontecer na sua plenitude.

A primeira conversa sobre o Daltonismo aconteceu em Guaratuba, na escola Municipal Moises Lupion, fomos convidadas pela diretora da escola Solange e a orientadora Lilian colega de ANE. Nesse dia estava acontecendo um evento muito bonito, onde toda a comunidade da escola estava envolvida, pais, alunos, professores e profissionais da educação. O Dia do Surdo, ali aconteceram várias apresentações de músicas em libras. Um garoto surdo youtuber mostrou seu trabalho e eu e a Silvana levamos nossa conversa aos pais e alunos sobre a inclusão, o daltonismo e autismo. Muito interessante, ao final da conversa alguns pais vieram ao nosso encontro fazendo questionamentos sobre suas dúvidas.

A outra roda de conversa sobre daltonismo aconteceu no Colégio Estadual Sertãozinho com as turmas de primeiro e segundo ano do magistério. Acredito que essa foi a maior e melhor experiência que eu vivi nesses tempos. Na turma de primeiro ano foi disponibilizado duas aulas para conversar com os alunos. Chegando em sala solicitamos que saíssem da sua formação de filas e se colocassem em roda, um “Ai que saco”, foi dito, e muito resmungos se sucederam. Houve a solicitação do kit multimídia para a direção, que não funcionou, tudo bem, lá vai o improviso pois somos professores de escolas públicas e nada vai nos atrapalhar, pelo menos assim agimos. Começamos a fala com a abordagem sobre inclusão. Percebo que duas alunas se mostram inquietas, ao longo da conversa os alunos começaram a interagir mais e a trazer as suas vivências pessoais. Uma aluna relata que seu pai é daltônico, e várias situações do cotidiano dele. Ela não compreendia o daltonismo, com a o conhecimento trazido ela pode construir algum entendimento sobre o comportamento do pai dela, o que auxiliou a compreendê-lo melhor.

Mas o que me deixou muito sensibilizada foi a aluna autista, que desabafou em sala, e para a nossa surpresa muitos colegas não sabia da sua deficiência. Ela chegou a chorar ao se sentir representada e acolhida pela primeira vez, pois em suas palavras “Eu sempre sou colocada de lado, sou a estranha, a esquisita, pois muito barulho me irrita e tenho que sair de sala”. A reação da turma foi fantástica, esse espaço de conversa trouxe o conhecimento que muitos precisavam, ali presumisse que todos serão futuros profissionais da educação, assim o conhecimento se faz necessário para que haja uma ação inclusiva, sem preconceitos e humanizada. Ao final conversamos com a professora da classe que tinha o conhecimento do diagnóstico dela, mas a mesma nos reportou que ela não tem acompanhamento algum, e que também nada de diferente era feito por ela.

Na sequência fomos conversar com o segundo ano e tivemos somente cinquenta minutos. A turma era menor a arrumação foi mais rápida e sem reclamações. Nessa sala tive a ajuda de dois daltônicos que trouxeram as suas experiências pessoais, dificuldades e como eles elaboraram estratégias para se adaptar, com a ajuda do computador mostrei para a turma figuras de como um daltônico pode ver determinadas cores. Em ambas as turmas o espanto é geral, e as perguntas aos meninos foram inevitáveis, assim eles eram o foco da conversa onde somente mediei, isso sim, ali eu vi a Nova Educação acontecer, ninguém era dono do saber, cada um contribuía com a sua experiência, até a falta dela crescia muito, pois as perguntas foram tantas que nem vimos o tempo passar.

A colega de ANE Marcia professora de educação infantil em Paranaguá, em um de nossos encontros da especialização, convidou para o encontro do curso de Especialização em Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão (GPEDI), que acontece na Ilha dos Valadares em Paranaguá na escola Municipal Grasiela Almada Dias. Ela que trabalha com crianças até cinco anos, percebeu que o conhecimento sobre o daltonismo não havia acontecido, solicitando assim uma roda de conversas. Que troca de saberes, ali tínhamos profissionais de educação de todos os níveis, da auxiliar de limpeza até diretora de escola, faltou a comunidade, mas tudo a seu tempo. A conversa aconteceu em um dia chuvoso e frio, mas o calor humano era tamanho que também faltou tempo, cada uma trazendo as suas vivências de sala e tirando as dúvidas mediante a teoria apresentada. E sempre o grande espanto é quando falo que meu filho vê as nuvens do céu na cor rosa. Uma questão que sempre chamo a atenção, é de quão restritiva pode ser essa deficiência, e quanto um aluno daltônico pode ser prejudicado na sua vida estudantil. Tivemos uma recepção muito calorosa, e uma troca de saberes maravilhosa, com vários convites para outras ocasiões. Assim me vem a fala de Rubem Alves:

“Não sei como preparar o educador. Talvez porque isso não seja nem necessário, nem possível.... É necessário acordá-lo.... E talvez, acordados, repetirão o milagre da instauração de novos mundos.” “Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.” Rubem Alves (2009)

E com essas frases na cabeça percebi que é isso, devemos nos acordar, pois o mundo é dinâmico, mas muitos problemas persistem, e a sua solução pode ser o

conhecimento e a vontade de mudar. De nada vai adiantar se continuarmos repetindo essa educação com cores e formas de gaiolas, precisamos que nossos alunos aprendam a voar, só assim eles verão o quão importantes eles são nesse processo, e mais que eles fazem parte da ação, e que sem a sua contribuição a educação não acontece na sua plenitude.

Além das minhas atividades tive a oportunidade de participar das atividades dos colegas de ANE, fui em duas no Colégio Tereza da Silva Ramos organizadas pela colega Samira. Uma atividade na Escola Abigail organizada pelos colegas Nair, Rodrigo e Fernanda que falava sobre a diversidade cultural e racial, a atividade da Fernanda na praça a espiral de ervas. Cada uma me trouxe algo de novo e inquietante, e a visão da necessidade de mudança.

Passei por duas Conferência de Alternativas para uma Nova Educação – I CONANE Caiçara e a II CONANE Caiçara. Nesses encontros recebemos convidados que relataram suas experiências e contribuíram nos trazendo provocações e reflexões sobre os processos educacionais. Tive o privilégio de ouvir o Professor José Pacheco, que de maneira simples nos faz ver que assim não dá mais, precisamos mudar, precisamos ouvir, precisamos ser comunidade. Nada vai acontecer se continuarmos a repetir os erros dessa educação formadora de operários, precisamos formar ou “desformar” os professores para um mundo novo, com a visão do todo, sem títulos, mas tendo como orientação a mediação, todos somos detentores de saberes. Aqui também pude ouvir as sábias palavras do professor Celso Vasconcelos, que trazendo as suas experiências de vida nos faz repensar as nossas ações. E Sonia Goulart coordenadora da CONANE Nacional que sempre nos presenteia com suas palavras, a qual convidamos para ser paraninfa da nossa desformação.

Na III CONANE caiçara tivemos a missão de apresentar nossos TCC, bem como já diz o título da especialização Novas Alternativas de Educação, as apresentações não poderiam fugir à regra, cada um à sua maneira quis trazer algo inovador, um mar de sensações e emoções, de labirinto sensorial a teatro, de espiral a contação de história, de performance de clown a painel fotográfico. Muitas alternativas, e com elas muitas vivências e emoções. Como nas rodas de conversas a apresentação do TCC veio em dupla, em forma de contação de história com direito a figurino de Fadelhas e tudo mais, a baixo trago na integra a apresentação que foi escrita em forma de uma história, inclusive a transformamos em um livro

“O azul da cor que eu vejo

Era uma vez duas artes - educadoras, Silvana e Suzane, mães de filhos com necessidades especiais, diferentes necessidades autismo e daltonismo, mas com os mesmos obstáculos a ultrapassar um mundo cheio de não, você não pode, isso é impossível.



FIGURA 01. A) Silvana e Lucas Dalcin; B) Suzane e Matheus
Fonte arquivo pessoal

Que não puderam mais sonhar e ter ideias sozinhas e juntas descobriram que sonhavam com as mesmas coisas, e as ideias essas se completavam, pois tinham o mesmo objetivo lutar por um mundo onde a inclusão não seja só um sonho.

E as duas sabiam bem como era viver à exclusão, o diferente o estranho os olhares assustados daqueles que deveriam acolher.

Foram elas em busca de mais conhecimentos e sonhos, pautadas nos ensinamentos do sábio Paulo Freire que diz:

“Para mim, é impossível existir sem sonho. A vida na sua totalidade me ensinou como grande lição que é impossível assumi-la sem risco.”

Então as duas Assumiram o risco de conhecer e fazer parte de uma educação inovadora e emancipatória, educação por meio de vivencias com integração e aprendizagem coletiva centralizada em projetos ANE, alternativas para uma nova educação.



FIGURA 02. Logo da ANE, autor Lucas

Com a certeza de que era isso que buscavam e sempre com seus objetivos na inclusão, lá foram elas com o seus conhecimentos e experiências de vida, juntar-se a esse novo mundo cheio de experiências para compartilhar com muitos desafios.



FIGURA 03. Suzane e Silvana em um encontro da ANE
Fonte arquivo pessoal

Tinham elas muitos pontos que se convergiam, a necessidade de levar conhecimentos na formação continuada de professores e na formação de docentes, conscientizar sobre inclusão e acolhimento à criança autista e criança daltônica, pois nada ensina mais que a vida e esses ensinamentos elas têm em grande quantidade.

E assim o fizeram, rodas de conversas em várias escolas Guaratuba Escola Moises Lupion, Matinhos Colégio Sertãozinho e em Paranaguá ilha dos Valadares Escola Graciela Almada Dias.



FIGURA 04. Escola Municipal Moises Lupiom.
Fonte arquivo pessoal

Uma troca maravilhosa de saberes, a cada encontro aprenderam e ensinaram, pois cada um possui uma história e uma experiência.



FIGURA 05. Escola Municipal Grasiela Almada Dias.
Fonte arquivo pessoal

Naquele momento na roda de conversa elas levaram a inclusão e a importância do acolhimento, ressignificando o que é o autismo de uma forma leve trazendo pontos importantes para que houvesse entendimento de cada ponto abordado: Por que é importante saber sobre autismo? Autismo e Diagnóstico, Espectro do Autismo, Autismo – Cor, Fatos que todo autista gostaria que seu professor soubesse e mitos e verdades, Autismo Intervenções, Os direitos do autista.

Se tivermos um olhar especial a criança dando a ela um direcionamento com estímulos proporcionando atividades, conteúdos, conhecimentos em um espaço acolhedor, respeitando as suas diversidades, limitações e habilidades teremos crianças mais expressivas, responsáveis e capazes de se inserir na sociedade. Silvana compartilha que é possível através do uso da literatura infantil e seu conteúdo, como material didático e sensorial para o desenvolvimento das crianças de forma responsável e dirigida, podemos fazer uma abordagem mais educativa e estimular ainda mais a capacidade de raciocínio e criatividade da criança. Experiência realizada com o livro O Príncipezinho Pietro e a Bruxinha Virginia.

Uma experiência dividida com Suzane em uma metodologia própria de contação de história para crianças especiais, utilizando de um figurino que é uma representação da concepção da contação de histórias. As Fadelhas.



FIGURA 06. Fadelhas na Escola Municipal Ilha do Sabe
Fonte arquivo pessoal.

Suzane trás para essa roda de conversa o daltonismo, como pouco se fala e não existe material de consulta sobre o assunto, o que os professores em sala de aula sabem sobre o daltonismo o fazem de forma autônoma, pois essa deficiência não é abordada na formação desses profissionais, assim gerando uma falta de pré diagnóstico ou até mesmo desconfiança de alunos com essa deficiência em sala de aula.



FIGURA 07. Escola Municipal Grasiela Almada Dias.
Fonte arquivo pessoal

O daltonismo é uma deficiência na sua maioria genética, muitas vezes só é diagnosticada na vida adulta quando o indivíduo vai fazer um exame psicotécnico, passando toda a sua infância e juventude sem ter um conhecimento da sua deficiência.

E tendo a alfabetização um dos seus maiores recursos às cores, as crianças daltônicas sofrem nesse processo, pois sua compreensão de mundo tem cores e aspectos diferente de todos, cada um vê o mundo de sua forma pois no daltonismo existem várias alterações que vão variar com a falta de uma determinada célula ou alteração da mesma. Assim crianças podem ser rotuladas com adjetivos não muito agradáveis, como preguiçosas, apáticas e revoltadas, devido à falta de conhecimento do professor sobre essa deficiência. Essas ações não tem a intenção de fazer com que o professor feche diagnóstico, mas sim que procure a coordenação da escola

assim entrando em contato com os pais e expor a situação, solicitando que os mesmos procurem um oftalmologista que fechará o diagnóstico.

Cada professor é a sua escola e somente dividindo e somando conhecimentos teremos um mundo melhor.

“Escola não são prédios, escolas são pessoas”. Sábio ensinamento de José Pacheco A cada término da roda de conversas os participantes se colocavam a fazer perguntas e se identificavam com alguma situação narrada.

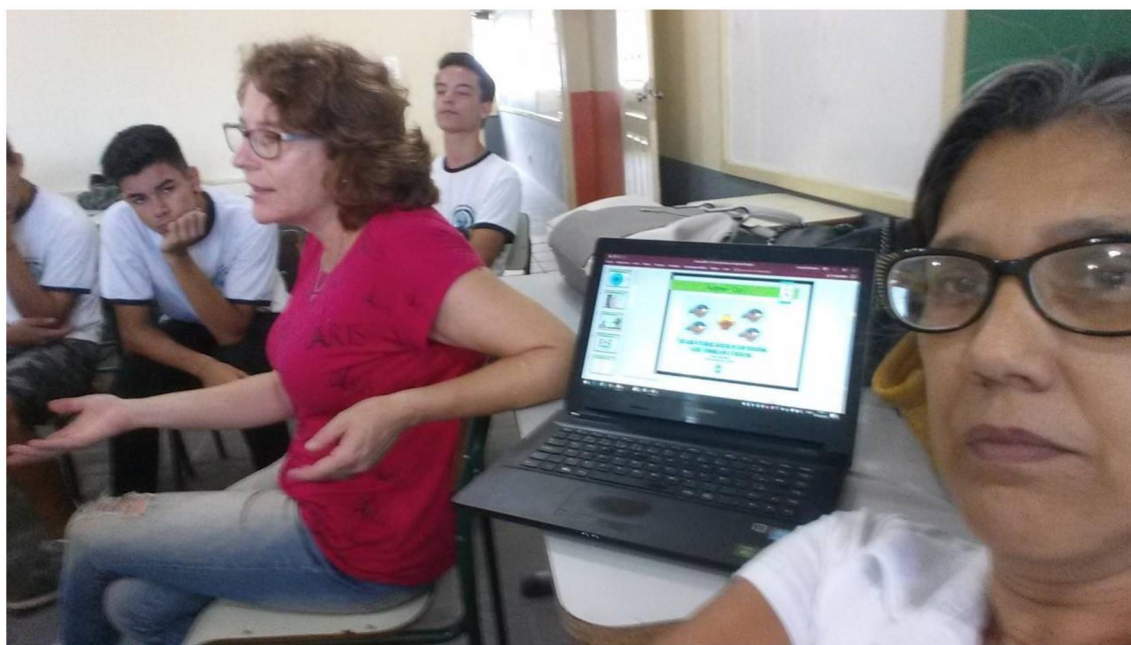


FIGURA 08. Colégio Estadual Sertãozinho.
Fonte arquivo pessoal

Alguns pontos ficaram muito marcados, uma aluna da docência que se apresentou diante de todos como sendo autista, chorou muito, pois sentiu que naquele momento alguém tinha um olhar para ela e falavam sobre as suas dificuldades e sua exclusão dentro da sociedade.



FIGURA 09. Colégio Estadual Sertãozinho.
Fonte arquivo pessoal.

Mas sabemos que temos muitos Educadores comprometidos e atentos aos seus alunos com vontade de saber mais e de trocar saberes.

“Não sei como preparar o educador. Talvez porque isso não seja nem necessário, nem possível... É necessário acordá-lo... E talvez, acordados, repetirão o milagre da instauração de novos mundos.” “Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.” Rubem Alves.

Silvana e Suzane com a cabeça cheia de sonhos e ideias e com muito mais saberes e um olhar ainda mais inclusivo, seguem acordando educadores e voando sempre... Inserindo um projeto de nova Educação, para que amplie e fortaleça a inclusão de pessoas com deficiência, criando metodologia inovadora e complementar, bem como materiais didáticos, levando informação sobre acolhida aos docentes.



FIGURA 10. Fadelhas.
Fonte arquivo pessoal.

E foram felizes para sempre!!

Não, não, o para sempre ainda não chegou, será que vão embora, Para onde? Será que elas votaram? Quando? E por onde vão passar?”

Ao longo desses dezoito meses muitos nomes, e que nomes, foram citados, lidos e comentados, entre eles Paulo Freire, Edgar Morin, Celso Vasconcelos, Sonia Goulart, Ruben Alves, Claudio Naranjo, Maturana, José Pacheco, Rudolf Stein, Tião Rocha, mas sem ter um olhar de amor de nada vai adiantar ler, visitar e comentar. De nada vai ter valido a pena sem citar e admirar a coragem de uma professora em estágio probatório que lutou pela permanência de sua escola rural, e em um de nossos encontros trouxe sua preocupação, não pessoal, mas dos alunos da comunidade, que com essa decisão sairiam da sua localidade do seu contexto, para assim serem parte da economia do município. Mesmo com a ameaça de advertência por organizar os pais e arrumar a escola, pinta-la, sem custo para o município, ela foi, e foi muito grande, pois sua ação ultrapassou as fronteiras da irracionalidade e a escola está lá; Anina (Ana Carolina Grego) hoje cuida de uma escola em outro plano, ela nos deixou uma lição muito significativa, sozinhos não somos nada, devemos tecer a rede, jogar a tarrafa como diz nosso colega Wil, assim conseguiremos começar a fazer uma educação que realmente tenha significado para todos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui não é um fim, mas sim o começo, o começo de uma consciência de luta por uma educação mais emancipatória, sem rótulos ou títulos; onde todos façam parte, e principalmente se sintam comprometidos, pois sem a entrega não teremos sucesso. A comunidade é parte fundamental desse processo, precisamos fazer com que ela se sinta parte atuante, pois sem suas necessidades e anseios não haverá uma educação na sua plenitude, mas para que isso aconteça teremos que nos despir e reaprender a fazer educação, a inclusão não pode ser tratada como mais item da escola, a escola é a inclusão, pois todos temos deficiência, sejam elas visíveis ou não, se a escola não acolher quem irá? A acolhida aos nossos alunos especiais só acontecerá quando não houver mais rótulos, todos da escola são responsáveis por todos, e para que isso realmente aconteça esses profissionais devem ser capacitados e mais do que isso, precisamos acabar com os preconceitos, e a informação e o conhecimento são as armas fundamentais.

Acredito na educação emancipatória, acredito na comunidade educadora, acredito nas Novas Alternativas de Educação e mais que tudo acredito que a escola com está hoje é fadada a um triste fim, que já acontece, deixando nossas crianças em um limbo, mas se tecermos uma rede educadora poderemos mudar essa situação, pois a evolução é inevitável.

Agora é arregaçar as mangas e com o coração aberto escutar os anseios de nossos alunos, e juntos trazer a comunidade para o processo, pois sem ela nada adiantará.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. 11ª Edição. Campinas, SP: Papyrus, 2009. 135p.
- BEZZERA, Patrícia Ferreira. As funções visuais e o desenvolvimento infantil. Rede Saci 27/10/2006. Disponível em:

[Http://saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=18717](http://saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=18717)> consultado em 20/03/2015

BRUNI, Lígia Fernanda e CRUZ. Sentido cromático: tipos de defeitos e testes de avaliação clínica. *Arq. Bras. Oftalmol.* [online]. 2006, vol.69, n.5, pp. 766-775. ISSN 0004- 2749. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-27492006000500028&lng=pt&nrm=iso> consultado em 25/10/2015

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 2ª Edição. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra Ltda, 2011. 111, p.

GUCHOUSKEI, Suzane Salete, O Aluno Daltônico na Educação Infantil: Contribuições na formação de docentes. 2016. 37 páginas Tese de Conclusão de Curso- Universidade Federal do Paraná Setor Litoral, Curso de Licenciatura em Artes, Matinhos, Paraná ano de 2016.

Oftalmologia e Pediatria, Doenças / Daltonismo. MAGALHÃES, Augusto A. Disponível em< <http://www.ofthalmologia-pediatria.eu/pagina,120,121.aspx>> consultado em 10/10/2014

PACHECO, José; EGGERTSDÓTTIR, Rósa; MARINÓSSON, Gretar L. Caminhos para a inclusão. 1ª Edição. Porto Alegre, RS. Artmed, 2007. 232p.